

EMMA REYES

Memória por correspondência

Tradução
Hildegard Feist



Copyright © 2012 by Gabriela Arciniegas

Primeira edição: Bogotá, 2012.

Publicado mediante acordo com Casanovas & Lynch Agencia Literaria S.L.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Os desenhos que acompanham as cartas foram elaborados por Emma Reyes
e enviados por ela para a família Arciniegas ao longo dos anos.

O retrato de Emma Reyes na p. 209, elaborado pelo pintor Alejo Vidal-Quadras,
foi publicado com a autorização da Fundación Alejo Vidal-Quadras
e Mónica Vidal-Quadras.

Título original

Memoria por correspondencia

Capa

Bruno Romão

sobre desenho sem título de Emma Reyes, 1988, acrílico e caneta hidrográfica sobre
papel-cartão, 20 x 14,5 cm. Imagem cedida por Escala.

Preparação

Monique D'Orazio

Revisão

Huendel Viana

Thais Totino Richter

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Reyes, Emma, 1919-2003.

Memória por correspondência / Emma Reyes ; tradução Hildegarde Feist. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2016.

ISBN 978-85-359-2690-3

1. Cartas colombianas — Coletâneas 2. Memórias autobiográficas
3. Reyes, Emma (1919-2003) — Correspondência 1. Título.

16-00218

CDD-co863

Índice para catálogo sistemático:

1. Memórias em cartas : Literatura colombiana co863

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Apresentação, 7

Prólogo, 9

Nota, 12

MEMÓRIA POR CORRESPONDÊNCIA, 13

De Flora Tristán a Emma Reyes, 183

O que aconteceu com Emma Reyes?, 187

Agradecimentos, 211

MEMÓRIA POR CORRESPONDÊNCIA

Carta 1

Meu querido Germán:

Hoje, ao meio-dia, o general de Gaulle deixou o Eliseu, levando como única bagagem onze milhões, novecentos e quarenta e três mil, duzentos e trinta e três NÃO declarados pelos onze milhões, novecentos e quarenta e três mil, duzentos e trinta e três franceses que o repudiaram.

No entanto, a emoção causada pela notícia curiosamente despertou em mim a lembrança mais remota que guardo da minha infância.

A casa onde morávamos tinha um cômodo só, muito pequeno, sem janelas e com uma única porta, que dava para a rua. Situava-se na Carrera Séptima* de um bairro popular de Bogotá chamado San Cristóbal. Em frente da casa, passava o bonde que

* Também chamada avenida Alberto Lleras Camargo, essa longa avenida teve origem em um antigo caminho indígena e percorre Bogotá de norte a sul. (N. T.)

parava alguns metros mais adiante, numa fábrica de cerveja chamada Leona Pura y Leona Oscura. Nesse cômodo moravam, além de mim, minha irmã, Helena, um menino cujo nome eu não sabia e que chamávamos de Piolho e uma moça da qual só me lembro de sua vasta cabeleira negra que, quando estava solta, cobria-a completamente e me fazia gritar de medo e me esconder debaixo da única cama.

Nossa vida se passava na rua. Toda manhã, eu tinha de ir até o monte de lixo atrás da fábrica para esvaziar o penico que todos nós havíamos usado durante a noite. Era um enorme penico branco esmaltado, mas do esmalte sobrava bem pouco. Não havia um dia em que esse penico não estivesse cheio até a borda, desprendendo um cheiro tão repugnante que muitas vezes eu vomitava nele. Em casa, não tínhamos luz elétrica nem banheiro; nosso único banheiro era esse penico, onde fazíamos do pequeno e do grande, do líquido e do sólido. As viagens da casa ao monte de lixo com o penico transbordante eram os momentos mais amargos do dia. Eu tinha de andar quase sem respirar, com os olhos fixos na sujeira, acompanhando seu ritmo com pavor de derramá-la antes de chegar, o que me acarretava castigos terríveis. Eu segurava forte o penico com as duas mãos, como se carregasse um objeto precioso. O peso também era enorme, superior às minhas forças. Como minha irmã era mais velha, tinha de ir à fonte buscar a água necessária para o dia inteiro; e o Piolho ia buscar o carvão e jogar as cinzas, de modo que nunca podiam me ajudar a levar o penico, porque iam em outra direção. Depois que eu o esvaziava, chegava o momento mais feliz do dia. Todos os meninos do bairro passavam o dia ali: brincavam, gritavam, escorregavam por uma montanha de barro, xingavam uns aos outros, brigavam, chafurdavam nas poças de lama e examinavam o lixo à procura do que chamávamos de “tesouros” — latas de conserva

para fazer música, sapatos velhos, pedaços de arame e de borra-cha, madeiras, roupas velhas... Tudo nos interessava, era o nosso quarto de brinquedos. Eu não podia brincar muito, porque era a menorzinha e os grandões não me queriam por lá. Meu único amigo era o Manco, apesar de também ser grandão. O Manco tinha perdido um pé — o bonde o arrancou quando ele estava arrumando umas tampas de cerveja Leona nos trilhos para que ficassem planas como moedas. Ele andava descalço, como todos os outros, com a ajuda de uma vara, e dava uns saltos extraordinários com seu único pé. Não havia quem o alcançasse quando se punha a correr.

O Manco sempre estava me esperando na entrada do monte de lixo. Eu esvaziava o penico, limpava-o rapidamente com um pouco de mato ou papéis velhos e o escondia sempre no mesmo buraco, atrás de um eucalipto. Um dia, o Manco não quis brincar porque estava com dor de barriga, então sentamos perto do escorregador para ver os outros brincarem. O barro estava molhado, e comecei a fazer um bonequinho. O Manco usava sempre a mesma e única calça, três vezes maior do que ele, amarrada na cintura com um cordão. Nos bolsos dessa calça ele escondia de tudo: pedras, piões, cordas, bolinhas de gude e um pedaço de faca sem cabo. Quando o boneco ficou pronto, o Manco o pegou, tirou do bolso a meia faca, e, com a ponta, fez dois furos na cabeça do boneco, que eram os olhos, e um maior, que era a boca. Quando terminou, disse:

— Está muito pequenininho. Vamos aumentar esse boneco.
E o aumentamos, acrescentando mais barro nele.

Na manhã seguinte, quando voltamos, encontramos o boneco no mesmo lugar onde o tínhamos deixado, e o Manco falou:

— Vamos aumentar esse boneco.
E os outros apareceram e disseram:
— Vamos aumentar esse boneco.

Alguém achou uma tábua velha muito, muito grande, e resolvemos aumentar o boneco até ele ficar do tamanho da tábua; assim poderíamos colocá-lo em cima dela e transportá-lo em procissão. Durante vários dias acrescentamos mais e mais barro até o boneco ficar tão grande quanto a tábua. Então, decidimos lhe dar um nome. Decidimos chamá-lo de general Rebollo. Não sei como nem por que escolhemos esse nome, mas o fato é que o general Rebollo virou nosso Deus. Nós o vestíamos com tudo o que encontrávamos no lixo e acabamos com as corridas, as guerras e os saltos. Todas as nossas brincadeiras giravam em torno do general Rebollo. Ele era, naturalmente, a personagem central de todas as nossas invenções. Durante vários dias vivemos ao redor de sua tábua. Às vezes o dizíamos do bem, outras do mal; na maior parte do tempo, o víamos como um ser mágico e poderoso. Assim transcorreram muitos dias e muitos domingos, que, para mim, eram os piores dias da semana. Todo domingo, do meio-dia até a noite, eu ficava sozinha, trancada no nosso único cômodo. Toda luz que havia era a que entrava pelas frestas e pelo buraco da fechadura, e eu passava horas com o olho grudado nesse buraco para ver o que acontecia na rua e para me distrair do medo. Quando a mulher de cabelo comprido chegava com Helena e o Piolho, geralmente me encontrava dormindo junto à porta, exausta de tanto olhar pelo buraco da fechadura e sonhar com o general Rebollo.

Depois de nos inspirar mil e uma brincadeiras, o general Rebollo começou a deixar de ser nosso herói. Nossa imaginação diminuta já não se inspirava na presença dele, e a cada dia menos crianças queriam brincar com ele. O general Rebollo passou a enfrentar longas horas de solidão, e ninguém renovava as condecorações que o cobriam. Até que um dia, o Manco, que continuava sendo o mais fiel, subiu num caixote velho, deu três batidas com a sua bengala improvisada e gritou com uma voz aguda e entrecortada pela emoção:

— O general Rebollo morreu!

Nesses locais, a gente já nasce sabendo o que quer dizer fome, frio e morte. Com a cabeça baixa e os olhos cheios de lágrimas, nós nos aproximamos lentamente do general Rebollo.

— De joelhos! — Manco gritou.

Todos nos ajoelhamos, sufocados pelo choro, sem nos atrevermos a pronunciar uma só palavra. O filho do carvoeiro, que era grande, vivia sentado numa pedra, lendo jornais que tirava do lixo. Com o jornal na mão, aproximou-se de nós e disse:

— Seus burros! Se o general morreu, então enterrem. — E foi embora.

Todos levantamos e resolvemos erguer a tábua com o general e enterrá-lo no monte de lixo; mas todos os nossos esforços foram inúteis, pois não conseguimos nem sequer mover a tábua. Decidimos enterrá-lo por partes, então quebramos cada perna e cada braço em três pedaços. O Manco determinou que a cabeça seria enterrada inteira. Trouxeram uma lata velha e depositamos a cabeça nela; quatro dos meninos maiores a levaram em primeiro lugar. Todos nós fomos atrás, chorando como órfãos. A mesma cerimônia se repetiu com os pedaços das pernas e dos braços. Restou só o tronco, que quebramos em muitos pedacinhos e transformamos em muitas bolinhas de barro. Quando não sobrou mais nada do tronco do general Rebollo, resolvemos brincar de guerra com as bolas.

Emma Reyes

Paris, 28 de abril de 1969.